

Tapete voador: a (re)construção da imagem da mulher negra na promoção de uma cultura antirracista

Priscilla Patrício de Holanda¹

Maria Zenaide Alves²

Resumo: Neste estudo apresentamos as análises de dois contos da obra *O Tapete Voador* de Cristiane Sobral. Nelas buscamos identificar elementos que possibilitem a (re) construção da imagem da mulher negra, por meio da discussão e o diálogo sobre a valorização de diversos aspectos constituintes da cultura negra. Objetivamos ainda, refletir o conceito de literatura afro-feminina e o seu papel na promoção e fortalecimento de uma cultura antirracista na sociedade brasileira. Os contos aqui apresentados são: *O Tapete Voador* e *Elevador a serviço*, suas análises constituem uma pesquisa de mestrado, realizada em 2022. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, de caráter analítica, na qual são apresentadas as formulações teóricas recentes sobre a literatura afro-feminina e a escrevivência de autoras negras no Brasil, e análise crítica de quatro contos escolhidos da obra: *O Tapete Voador*; *Nkala: um relato de bravura*; *Elevador a serviço*; *Pixaim*. A partir da leitura e do diálogo com várias pensadoras e intelectuais feministas negras como Ângela Davis; Ana Rita Santiago; bell hooks; Iracy Carone; Isabel Magalhães; Maria Flores; Maria Aparecida Bento; Mirian Santos; Pietra Diwan; Sueli Carneiro, entre tantas outras, constatamos que a autora Cristiane Sobral alcança seu objetivo ao propor uma nova representação para o corpo feminino negro, desconstruindo estereótipos sobre a mulher negra na sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que contribui para ascensão e o fortalecimento de uma cultura antirracista na sociedade brasileira.

35

Palavras-chave: Literatura Afro-feminina; Cristiane Sobral; Mulheres Negras; Negritude.

FLYING CARPET: THE (RE)CONSTRUCTION OF THE IMAGE OF THE BLACK WOMAN IN THE PROMOTION OF AN ANTI-RACIST CULTURE

Abstract: In this study we present the analyzes of two short stories from the work *O Tapete Voador* by Cristiane Sobral. In them, we seek to identify elements that enable the (re) construction of the image of black women, through discussion and dialogue about the appreciation of various constituent aspects of black culture. We also aim to reflect on the concept of Afro-feminine literature and its role in promoting and strengthening an anti-racist culture in Brazilian society. The short stories presented here are: *O Tapete Voador* and *Elevador a Serviço*, their analyzes constitute a master's research, carried out in 2022. It is a qualitative bibliographical research, of an analytical nature, in which recent

¹ Mestra em Educação - UFG

² Doutora em Educação – UFGM e Docente da UFCAT e da UFG.

Indexadores:

theoretical formulations on literature are presented. afro-feminine and the writing of black female authors in Brazil, and critical analysis of four short stories chosen from the work: O Tapete Voador; Nkala: an account of bravery; Service elevator; Pixaim. From reading and dialogue with several black feminist thinkers and intellectuals such as Ângela Davis; Ana Rita Santiago; bell hooks; Iracy Carone; Isabel Magalhães; Maria Flores; Maria Aparecida Bento; Mirian Santos; Pietra Diwan; Sueli Carneiro, among many others, we found that the author Cristiane Sobral achieves her goal by proposing a new representation for the black female body, deconstructing stereotypes about black women in Brazilian society, while contributing to the rise and strengthening of a anti-racist culture in Brazilian Society.

Keywords: Afro-feminine literature; Cristiane Sobral; Black Women; Blackness.

Indexadores:



1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar dois contos da obra *O Tapete Voador*, de Cristiane Sobral, com vistas a provocar reflexões que podem contribuir para a (re)construção da imagem da mulher negra e promoção de uma cultura antirracista na nossa sociedade. Esta análise é parte de uma pesquisa de mestrado defendida em 2022, na qual são apresentadas formulações teóricas recentes sobre a literatura afro-feminina e a escrevivência de autoras negras no Brasil, que tem em comum a proposição de um corpo-mulher-negra como um elemento político, de discussões tecidas em torno dos movimentos feministas negros e das relações de representação que valorizem o papel da mulher negra. Acreditamos que tal literatura pode contribuir para a construção de uma educação para as relações étnico-raciais e para a promoção de uma cultura antirracista.

A obra *O Tapete Voador*, publicada em 2016, pela Editora Malê, foi a escolhida por ser uma publicação de contos contemporâneos, com personagens protagonistas em sua maioria femininas e com temáticas que abordam a estética negra, o empoderamento negro, a discriminação racial, e elementos que permitem a reflexão, a discussão e o diálogo sobre a valorização de diversos aspectos constituintes da cultura negra, em especial, a inserção da mulher na sociedade brasileira como protagonista da sua própria história.

Para a filósofa americana Ângela Davis (2018), só é possível a desconstrução do racismo a partir do desenvolvimento de estratégias que potencializem a valorização da negritude, pois, “numa sociedade racista, não basta não ser racista: é preciso ser antirracista”. É nesta perspectiva que esta obra se enquadra no que estamos denominando literatura afro-feminina, e a vislumbramos como instrumento do fortalecimento de uma cultura antirracista na sociedade brasileira.

A marca textual dessa literatura está justamente na enunciação das vozes de suas autoras. São vozes poéticas que ressignificam suas narrativas e suas poesias ao lhes dar um caráter de protesto, denúncia e resistência. Por meio da palavra, essas autoras evocam um passado ancestral e veem na sua escrita um caminho de luta para si, para os seus e para aquelas que, de alguma forma, forem alcançadas por elas. Afinal,

[...] Aparecem, ainda, em seus textos, figuras femininas negras, ávidas pela afirmação de si, ou simplesmente pelo desejo de tornar-se, de estarem cientes de seus dramas, como: o racismo, a solidão e o sexismo, ou tão somente pelo sonho de permanecerem no mundo (e em seus mundos) como senhoras de si e de suas vontades (SANTIAGO, 2012, p. 163).

A escrita, o corpo e a memória são agentes-símbolos substanciais e originários na literatura de autoria feminina (MAGALHÃES, 2005). Sua escrita elege os domínios do tempo, da memória e da experiência, realocando a linguagem para outro tipo de relação com o corpo, ligando-os de maneira subjetiva. Nela, ecoam vozes e personagens negras sedutoras pela sua bravura, coragem e intrepidez na luta pela emancipação feminina e não mais pelo desejo viril de seus corpos físicos. Os principais temas abordados são a escravidão, a luta por emancipação e as histórias de vida entrelaçadas às memórias ancestrais.

Indexadores:

A autora, Cristiane Sobral Correa Jesus, nasceu em 1974 no Rio de Janeiro e vive em Brasília desde 1990. Cristiane é mulher negra, mãe, educadora, atriz e escritora. Além disso, Cristiane Sobral trabalha desde 1998 como Assessora de Cultura para a Embaixada de Angola. É bacharel em Interpretação Teatral, Licenciada em Artes Cênicas e Mestre em Artes pela Universidade de Brasília. Sua relação com teatro e com a literatura é muito íntima e intensa, predominando, em seus trabalhos, o interesse por temas sociais, sobretudo no que diz respeito aos temas que envolvem a negritude.

Durante sua formação acadêmica, Sobral se viu incomodada com a ausência de temáticas negras na academia, e com a invisibilidade sofrida pelos estudantes negros dentro dos cursos universitários. Em seu percurso acadêmico, intensifica-se seu desejo por se afirmar como artista negra e ela passa então a questionar através de sua arte, o porquê desses espaços, que deveriam ser de acolhimento, negarem a presença e a permanência da população negra. Cristiane Sobral compartilha sua vivência da universidade neste trecho de sua dissertação de mestrado:

No percurso no ensino superior, pude refletir e constituir meu lugar de fala como pesquisadora no campo das artes cênicas diante de um ponto de vista como mulher, negra, brasileira, artista, professora e escritora. Nas peças interpretadas no espaço acadêmico, muitas vezes não pude interpretar os papéis que desejava. Descobri aos poucos que algumas personagens não foram escritas para mulheres como eu. Como primeira atriz negra graduada em Interpretação Teatral pela UnB, em 1998, enfrentei muitas questões referentes à invisibilidade negra na academia (SOBRAL, 2016, p.90).

38

Justamente por isso é que, em suas obras, tanto da literatura quanto do teatro, Sobral busca dar vida aos corpos negros, dialogando com suas subjetividades, seus desejos, suas vivências, seus amores e dissabores. É uma mulher negra falando de negritude, em especial da negritude feminina. Em suas obras, a escritora alinhava a literatura e o teatro de forma potente, de modo que seus textos carregam uma carga dramática típica de sua experiência com encenação teatral.

Os contos selecionados para esse artigo, *O Tapete Voador e Elevador a Serviço*, têm em comum a proposição do corpo-mulher-negra como elemento político, de modo que é exposta a violência contra o corpo feminino negro das personagens, ao passo que esse corpo é restaurado pela escrita *ressignificante* de Sobral (2016), através da qual são construídos os discursos de resistência. Conforme destaca Santos (2018), os corpos de mulheres negras são transfigurados em geradores de linguagem e revelam a humanidade de quem havia sido reduzida à condição de objeto. O que se observa, portanto, é a reinserção do corpo marginalizado na esfera da ordem social, construída para as experiências do trabalho e do afeto, da autoestima e da convivência, com outros corpos de outros sujeitos.

Diante disso, a pesquisa realizada buscou compreender que elementos da literatura afro-feminina podem contribuir para a (re)construção da imagem da mulher negra na sociedade brasileira. Tendo como objetivo principal problematizar a representação de personagens femininas na obra *O Tapete Voador*, de Cristiane Sobral, trazendo-a como instrumento de reflexão, debate e desconstrução de estereótipos femininos sobre a mulher negra na sociedade brasileira.

2. DESENVOLVIMENTO

Indexadores:



Nessa perspectiva, nos contos da autora, corpo e cabelo fazem parte de um mesmo *corpus*, uma vez que “o cabelo não é um elemento neutro no conjunto corporal. Ele foi transformado, pela cultura, em uma marca de pertencimento étnico-racial. No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime as marcas da negritude no corpo” (GOMES, 2008, p. 25 apud SANTOS, 2018, p. 163). Portanto, nas análises que seguem, o corpo será pensado em um contexto histórico, social e cultural, de modo que o corpo-mulher-negra é atravessado pelas questões de **gênero** e de **raça**.

2.1. CONTO: O TAPETE VOADOR

O conto que abre a obra possui o mesmo título do livro. Ele relata a história de uma jovem negra, Bárbara, filha de uma empregada doméstica e de um porteiro. Bárbara é assessora de marketing em uma multinacional, com uma carreira promissora pela frente. Em determinado momento, ela resolve pedir à empresa um bônus para sua qualificação. Ao ser recebida por seu chefe, Bárbara é surpreendida por um homem negro, porém, embranquecido. Seu chefe concorda em lhe conceder a bonificação para custear a Pós-graduação e ainda lhe oferece uma promoção, mas apresenta como condição que Bárbara, assim como ele, negue suas origens étnicas. Diante da situação imposta, Bárbara se nega a ceder ao sistema racista e segregacionista, pedindo demissão.

O branqueamento do negro não se refere a uma nova cor da pele, mas à mudança de hábitos que os aproximam da classe opressora, no caso, os brancos. O alisamento dos cabelos das mulheres negras, por exemplo, é uma prática de embranquecimento cultural. Portanto, o branqueamento e a ascensão social aparecem como sinônimos quando relacionados, o que nos leva a inferir “que essa sociedade de classes se considera como um “mundo dos brancos” no qual o negro não deve penetrar” (CARONE; BENTO, 2002, p. 33).

Para as ativistas negras Iracy Carone e Maria Aparecida Silva Bento (2002), no Brasil, o branqueamento é considerado como um problema do negro que, geralmente, descontente e desconfortável com sua condição de negro, busca identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para, então, diluir suas características raciais. A partir dessa perspectiva, constatamos que o branqueamento ou a branquitude “[...] expressa uma forma de manipulação do negro, visando a integração e a ascensão sociais” (CARONE; BENTO, 2002, p. 32). Trata-se de um processo inventado e mantido pela elite branca brasileira, que, ao considerar seu grupo como sendo a referência do ideal da espécie, acaba legitimando sua supremacia econômica, política e social.

Associadas à supremacia da raça branca, temos as noções histórica e culturalmente constituídas do que é belo e, portanto, daquilo que é feio. No início do século XX, o conceito de beleza estava atrelado à saúde física, intelectual e moral do indivíduo (DIWAN, 2007). Desse modo, no discurso eugenista havia o enquadramento dos corpos a um ideal a ser conquistado, o da branquitude, aquele que representaria o Brasil enquanto uma nação moderna.

A beleza atuava como orientação no aprimoramento das raças, um povo belo, assemelhar-se-ia à raça pura ariana. Um indivíduo, para ser considerado belo, deveria reunir um conjunto de atributos que o aproximavam daquilo que era considerado normal: a simetria entre os segmentos corporais; a tez e a tonalidade da pele; as condutas

Indexadores:

higiênicas; os comportamentos conforme as práticas discursivas impostas para cada gênero. Todos esses elementos reunidos revelariam a moral do indivíduo e a sua aristogenia, representada por uma “classe geneticamente superior” (DIWAN, 2007, p. 131).

Dito isso, observamos que a beleza se torna, então, retrato de uma cultura, de um corpo, de um comportamento fundamentado na cultura europeia. Logo, a apreciação estética das diferenças físicas dos seres humanos levou à discriminação racial em relação aos povos não europeus. Assim, a fealdade entre os europeus era ditada pelas causas externas, deformidades físicas e doenças, enquanto para as populações provenientes de outros continentes apenas este fato já os tornava feios e degenerados (FLORES, 2007).

Desse modo, como destaca a estudiosa Maria B. R. Flores (2007), o modelo de beleza para a mulher brasileira seria o de exaltação da brancura, que em quase nada se assemelhava à estética da mulher brasileira devido às especificidades características da miscigenação ocorrida no país. Dentre as características idealizadas pelos eugenistas na conquista de uma feição ideal para a mulher brasileira estavam:

Na beleza do rosto, a dimensão do pescoço, a desenvoltura do busto, das ancas, o torneado dos membros [...] a beleza dos cabelos, o tamanho, forma e a cor dos olhos, cílios e sobrancelhas, o colorido, a forma e a dimensão dos lábios e dentes, do nariz, das orelhas [...]. Além da esbelteza geral, da graça e elegância da boa proporcionalidade da fisionomia corporal, a cor, a maciez, a igualdade e a boa distribuição da pigmentação da pele [...] eram índices, numa semiótica do corpo, para ditar o padrão que se almejava como estética da mulher brasileira (FLORES, 2007, p. 66).

40

O tipo de beleza então almejado para a brasileira era o do normotipo de mulheres brancas, tanto que, conforme Denise B. Sant’anna (2014, p. 64), “a concepção de que a pele alva era a mais bela aparecia sem constrangimentos nos concursos de misses e em muitos anúncios publicitários”. Por outro lado, ao corpo negro fora relegado o lugar de inferioridade. A mulata é o exemplo mais caro que temos na literatura para tipificar o projeto de branqueamento da imagem das mulheres negras que teria como uma de suas intenções incentivar a miscigenação (FRANÇA, 1999).

Nessa conjuntura de fatores históricos, de estereótipos e de modos de viver, a mulher negra passa a ter seu corpo descrito de acordo com uma escala de cor, em que a mulata, caracterizada por ter a pele mais clara e cabelos anelados se difere da mulher com a pele mais escura e cabelos crespos, formatando dois referenciais de beleza negra que atuaram e criaram obstáculos para a ascensão de mulheres negras.

O corpo de uma mulher negra, como o de Saartjie Baartman (Vênus Hotentote), foi um corpo minuciosamente estudado pelos cientistas europeus e os dados gerados por esses estudos contribuíram para atestar a inferioridade da raça negra, por meio de artifícios científicos. Segundo a educadora e pesquisadora Joyce Gonçalves da Silva (2015), esses experimentos atribuídos ao corpo da mulher negra contribuíram para fixar a identidade masculina europeia como universal, afinal, dentro dos discursos construídos sobre negros e mulatos, negras e mulatas, não estava em jogo apenas a raça, mas também a sexualidade, de tal forma que foram direcionados aos corpos de mulheres negras os pressupostos estereotipados sobre as diferenças entre o seu corpo e o de mulheres brancas:

Indexadores:

O corpo das mulheres negras é investido de voluptuosidade ora desejada como consumo, ora tratada como repulsiva; elas são vistas como trabalhadoras de serviços manuais, notadamente o doméstico, como na cozinha da 'casa grande'. Com isso, vemos operar sobre esse grupo de mulheres duas ordens de hierarquização e lógica discriminatória e, assim, configura-se uma condição de existência bastante específica, isto é, subalterna nas hierarquias raciais e de gênero. A combinação dessas categorias tanto produz variados tipos de opressões como configura mulheres que se posicionam diante dessas condições sociais das mais variadas formas: assimilando tais normas, anexando-as às suas condições de vida, rejeitando-as, resistindo ou mesmo subvertendo-as. Mas o que há de convir é quanto à perversidade desse esquema de hierarquização (BONFIM, 2009, p. 248).

No Brasil, a mulher negra teve seu lugar construído historicamente em torno dos espaços domésticos (amas de leite, cozinheiras, faxineiras, lavadeiras) ou do fetiche sexual (a concubina, a prostituta, a mulata tipo exportação). Como destaca França (1999, p.99), “[...] a mãe negra, dilacerada entre a felicidade da maternidade e a tragédia do cativo; e sobretudo, a bela mulata. Esse último tipo, foi sem dúvida, o mais popular de todos”. Já a mulher branca deveria ser preparada e preservada para o casamento, mantendo-se pura e casta. Ainda existem muitas diferenças entre ser uma mulher branca e uma mulher negra na sociedade brasileira, especialmente quando pensamos no acesso às políticas públicas como educação, saúde, moradia, segurança e emprego.

Assim, Bárbara, a protagonista do conto contrariando as estatísticas, ocupa um cargo de destaque na empresa em que trabalha. A carreira da mulher negra é atravessada pela ideologia do racismo, e as oportunidades de emprego para mulheres negras precisam transpor o muro do mito da “boa-aparência”. Conforme evidencia Silva (2015), a beleza de mulheres negras estaria ancorada em um conjunto de expressões corporais e suportes simbólicos atrelados ao comportamento social, bem como ao formato dos fios de cabelo, na tez da pele e nos traços fisionômicos que as caracterizaram e as classificaram na hierarquização de uma sociedade racializada:

A forma como a cor de pele e o cabelo são vistos no imaginário social brasileiro pode ser tomada como expressão do tipo de relações raciais aqui desenvolvido. Nesse processo, o entendimento do significado e do sentido do cabelo crespo pode nos ajudar a compreender e desvelar as nuances do nosso sistema de classificação racial (GOMES, 2019, p. 26).

A boa-aparência requisitada em anúncios estaria relacionada às nuances da pele, à maleabilidade do cabelo e aos traços fisionômicos “finos”. Se, para uma boa aparência, era necessária uma pele clara, então “a mulher negra estaria fadada à feiura e com isso haveria um impedimento à sua ascensão social” (SILVA, 2015, p. 114). Nesse sentido, percebemos uma certa vantagem das mulheres mestiças em relação às mulheres negras, ao se aproximarem das características fenotípicas idealizadas da branquitude, por meio do entrecruzamento genético ou dos tratamentos estéticos, elas tiveram uma maior transitoriedade entre os grupos sociais. Isso demonstra as regalias e as limitações desse corpo negro modificado

Quando consideramos as carreiras das mulheres negras, observamos que as barreiras por elas enfrentadas ultrapassam a subjetividade de cada uma e são potencializadas pelo contexto social predominantemente branco, em que vivem sujeitas às atitudes

discriminatórias. Esses elementos sociais se fazem presentes no conto e ficam evidenciados no trecho a seguir:

- Eu confesso que aprendi a duras penas o que é preciso para crescer aqui. Creio que devo alertá-la. Sobre a sua carta, bem, eu entendo o seu desejo de querer estudar. Você de fato chegou longe considerando a maioria negra deste país, deve se orgulhar! Veja o caso das mulheres negras então! Você é dona de uma trajetória ímpar. Bárbara estava ficando confusa. Onde aquela conversa iria parar? - Entretanto, há outras coisas que você deve aperfeiçoar. O seu marketing pessoal, por exemplo. Não me leve a mal, mas já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis, como o cabelo do negro. É um dos seus defeitos. Seu cabelo é péssimo. Mas não se aflija com isso, eu posso ajudar. Costumo viajar para o exterior e a minha esposa poderá trazer ótimos cosméticos, sem nenhum incômodo. Nem vai ser preciso agradecer. Entenda esse gesto como um investimento nos recursos humanos da empresa. A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos. Vou fazer a minha parte, mas prometa que não vai deixar a sua negritude assim tão evidente. É possível sim, sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente disfarçada. Você só precisa de alguns esclarecimentos... tem um futuro brilhante, alvíssimo, sem dúvida (SOBRAL, 2016, p. 9-10).

O alisamento dos cabelos pelos povos negros representa uma das maiores marcas do apagamento étnico. Na sociedade eurocêntrica, o cabelo liso representa o padrão estético dominante. Apesar das inúmeras mudanças nas políticas raciais nos últimos anos, as mulheres negras ainda continuam obcecadas por seus cabelos, e o cabelo alisado ainda é prática constante entre elas. Para bell hooks (2019), nós mulheres negras somos ou fomos em algum momento inseguras em relação ao nosso valor na sociedade de supremacia branca, sendo essa insegurança refletida em nossos cabelos.

42

Por outro lado, em *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*, de Nilma Lino Gomes (2019), a escritora salienta a figura do cabelo crespo como símbolo da presença negra e da ancestralidade africana na genealogia de quem o possui. Em movimento contrário ao apagamento estético negro, na última década, jovens negras passaram a assumir a negritude presente em seus cabelos como forma de afirmação identitária.

Na contramão do alisamento, vem ganhando espaço entre mulheres negras (especialmente entre as jovens) a transição capilar, que consiste num processo de valorização do cabelo cacheado e crespo, sendo necessário, muitas vezes, cortar o cabelo alisado e deixar que ele cresça naturalmente (GOMES, 2019). Da mesma forma, no texto literário, vemos que Bárbara,

Era vaidosa, experimentava ao máximo as possibilidades do seu cabelo afro, com presilhas, turbantes, prendedores, faixas, enfim, tudo que pudesse iluminar e exaltar a sua identidade. Nesse dia, especialmente, fizera um penteado trançado com desenhos adornando a cabeça inteira, como uma preciosa moldura (SOBRAL, 2016, p. 8).

Ao nos apresentar uma personagem protagonista que valoriza seu cabelo afro, Sobral (2016) evidencia esse processo de resistência e de afirmação da negritude feminina através do cabelo negro. Para hooks (2019), na construção de uma sociedade mais igualitária e baseada na justiça social, é fundamental que a negritude passe a ser vista

Indexadores:

como uma ideologia não em oposição à branquitude, mas que a branquitude deixe de ser a referência daquilo que é o padrão aceitável. Nesse sentido, devemos

Valorizar quem somos corretamente, infinitamente, libertos da vergonha e da autorrejeição, exige saber que precisamos estar atentos à totalidade da vida. Compartilhar em uma comunidade amorosa a visão que amplie nossas forças e afaste o medo e o desespero, aqui nós encontramos a terra firme para uma justiça que possa fluir num curso poderoso. Aqui encontramos um fogo que queima longe da confusão da pressão que amontoa sobre nós durante a fraqueza de nossa infância. Aqui nós podemos ver o que precisa ser feito e encontrar a força para fazê-lo. Valorizar quem somos do jeito certo. Amarmos uns aos outros. Isso é curar o coração da justiça (hooks, 2019, p. 36).

Outro aspecto que chama a atenção no desenrolar da história é o fato de Bárbara ser uma mulher negra que possui um relacionamento amoroso com um homem negro. Fato esse que também incomoda o presidente.

Veja, por exemplo, o caso de alguns negros bem-sucedidos. A sociedade deu uma oportunidade de crescimento a eles e eles retribuíram, casando com mulheres distintas, brancas, recatadas, exímias donas de casa, puras, com bons genes, para que o futuro seja melhor, sem esses defeitos de cor. Digo isso porque fiquei sabendo que você tem um namorado negro. Desculpe invadir sua privacidade, mas isso é um atraso! (SOBRAL, 2016, p. 11).

bell hooks, em *Vivendo de Amor* (1995), chama a nossa atenção para a solidão da mulher negra. Em muitos lares, a mulher negra é a chefe do lar, em algumas ocasiões é mãe solo, em outras ela nunca se casou. Os afetos da mulher negra são negligenciados na literatura canônica, o que contribui para a objetivação desse corpo negro, pois, quando tratamos dos afetos, nós o humanizamos.

43

Ao tecer uma personagem que possui um relacionamento afrocentrado, Sobral inverte a lógica do mercado afetivo, apresentando uma via alternativa de resistência de mulheres e homens negros à solidão afetiva. Porém, ao refletimos sobre a prática do amor afrocentrado, é necessário que antes consideremos o fato de que a solidão vivenciada por mulheres negras se refere a uma vivência de rejeição afetiva, de preterimento que levaria as mulheres negras a um possível isolamento social.

Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso (hooks, 1995, s. p).

Para hooks (1995), o amor diz respeito a uma intenção e a uma ação, portanto, o amor seria expresso por meio da união do sentimento e da ação. Nesse sentido, a autora traz para o debate sobre o amor os efeitos da escravidão na capacidade de amar, ponderando que “o sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual” (hooks, 1995, s. p). E vale considerar, ainda, que, socialmente, a supremacia dos brancos impele aos negros uma vida permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade.

Essa rejeição afetiva vivenciada está relacionada à objetivação do corpo da mulher negra, ao lugar historicamente pré-estabelecido da amante, aquela destinada à satisfação

Indexadores:

sexual e a uma relação casual. Sobre este aspecto, a pesquisadora Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), em *Mulher negra: afetividade e solidão*, ressalta a importância de reconhecermos os discursos de ideologias raciais e de gênero como estruturantes do preterimento vivido por mulheres negras e que, por isso, “[...] ordenam um conjunto de práticas corporais racializadas vividas pelo gênero, na sexualidade, no trabalho, na afetividade e em outros lugares sociais que são “destinados” às mulheres negras, na Bahia e no Brasil” (PACHECO, 2013, p. 24).

Desse modo, muito mais do que reforçar estereótipos, pode-se afirmar que há uma representação social baseada na raça e no gênero regulando as relações afetivas das mulheres negras, nas quais elas estariam em desvantagem em relação às mulheres brancas ou mesmo fora do mercado afetivo.

A mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável (PACHECO, 2013, p. 25).

Como forma de protesto à esta dinâmica imposta é que se configura o movimento do amor afrocentrado que encontra lugar, de um lado, na contraposição às visões universalistas que não alcançam os efeitos perversos do racismo e nas formas que ele opera nos modos de subjetivação e, de outro, na impossibilidade de legitimar práticas que estão fora do catálogo ocidental que nos dita o *modus vivendi*. Para a personagem Bárbara, assim como para muitas mulheres negras, uma possibilidade viável para encontrarem o amor estaria no cultivo de relações afetivas com outras pessoas negras, ou seja, em relacionamentos afrocentrados, pois, as pessoas negras entenderiam as opressões e dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras e, assim, abrir-se-ia a possibilidade para se viver o amor:

Quando nós, mulheres negras, experimentarmos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (hooks, 1995, s. p.).

Outro aspecto que chama nossa atenção no conto é o seu título, *O Tapete Voador*. Como vimos no decorrer do conto, o motivo de desentendimento entre o chefe embraquecido e Bárbara, é a afirmação de sua negritude. Ao ser demitida por ter se negado ceder aos padrões eurocêntricos de embelezamento, aquilo que poderia ser considerado uma rasteira tanto na vida pessoal quanto profissional de Bárbara, acabou tendo o efeito contrário, servindo de impulso para que ela buscasse alcançar altos voos, de libertação e amor próprio.

A postura de Bárbara de autoafirmação de sua negritude serviu para fortalecer suas convicções e sua autoestima. Bárbara não é apenas uma mulher negra estudante, trabalhadora que aprendeu amar seu corpo negro, e se amar. Bárbara é uma mulher forte e destemida, que ousou não se curvar diante das estratégias de silenciamento e

apagamento da população negra, e, além de tudo isso, Bárbara possui um amor correspondido, e, o melhor, ela escolheu amar aos seus.

2.2. Conto: Elevador a serviço

Neste conto que se passa em um elevador de um prédio luxuoso, Cristiane Sobral opta por abordar a representação da negritude em confronto com a imaginação branca. O conto retrata uma cena de racismo durante uma conversa no elevador de serviço do prédio. A narradora, que se chama Malena, é cantora, aparentemente reconhecida, que estava a caminho do estúdio para discutir a organização de um show com repertório de músicas da Jovelina Pérola Negra.

Seria interessante nesse momento da sua carreira de cantora, discutir com a equipe a possibilidade de montar um show com um repertório de músicas da Jovelina, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara e outras cantoras e compositoras negras que mereciam e deviam mesmo ser homenageadas como pilares do nosso patrimônio cultural (SOBRAL, 2016, p. 27).

No campo da música, o jazz, o reggae e o samba são alguns elementos de valorização da cultura negra. Já no início do conto, a autora faz menção à música, um dos elementos constituintes da cultura negra. As três cantoras reverenciadas, Jovelina Pérola Negra, Clementina de Jesus e Dona Ivone Lara, fazem parte de uma tríade que exaltou a cultura negra: três pretas potências que transformaram a cadência e a relação do brasileiro com o samba.

Quanto à aparência de Malena, não há uma descrição marcante dos sinais diacríticos, no entanto, no decorrer da narrativa, vamos nos apropriando das simbologias presentes que permitem ao leitor inferir a ascendência da personagem, como quando a narradora relata que “Gostava mesmo da Jovelina, pois seu ouvido musical fora moldado em casa desde a infância, quando sua mãe cantava e alimentava os filhos com palavras de exaltação à cultura negra” (SOBRAL, 2016, p. 27). E quando a senhora branca, ao entrar no elevador, puxa conversa fazendo um comentário sobre o seu cabelo “Nossa! Não tinha reparado como você é simpática. E bonita! Parabéns pelo seu cabelo! Acho o máximo quando as mulatas assumem a sua raça. É um sinal de evolução” (SOBRAL, 2016, p. 28). A senhora supõe que Malena, por ser negra e circular em um prédio de luxo, é empregada. Esse conflito está presente já no próprio título do conto *Elevador a serviço*, que faz alusão ao fato do povo negro ter vivido séculos “a serviço dos brancos”.

Nesse trecho, a autora faz uma crítica ao imaginário social da negra empregada doméstica, como enfatizado por Sueli Carneiro (2002, p. 172), “preta pra trabalhar, branca pra casar e mulata pra fornicar” e, numa perspectiva mais ampla, denuncia o racismo estrutural enraizado na sociedade brasileira, como discutido por Sílvio Almeida:

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas [...] (ALMEIDA, 2020, p. 65).

Indexadores:

Para ele, outro ponto a ser considerado é o significado das práticas discriminatórias com as quais o racismo se realiza. Nossas relações sociais são mediadas pela ideologia, ou seja, o imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema de justiça e pelo sistema educacional em concordância com a realidade. Dessa forma, esses diferentes aspectos agem sobre a imagem que o negro tem de si, e sobre a que a sociedade tem dele, uma das manifestações do racismo.

Desculpe o meu mau jeito, a intromissão. Mas sabe o que é? Será que você não poderia me indicar alguém assim como você para trabalhar em minha casa? Preciso tanto de uma empregada! Quero dizer. Sem preconceito algum. Na minha família nunca houve isso. **Tive uma empregada que herdei dos meus pais; cuidou de todos lá em casa.** Ela foi minha mãe de leite. Infelizmente faleceu recentemente (grifo nosso) (SOBRAL, 2016, p. 28).

É evidente a objetivação do corpo da mulher que tal como coisa, propriedade de outrem é “herdada” pela família. Outro ponto que merece destaque é a figura da mãe de leite, em referência à ama de leite do período escravista. Os estereótipos construídos em torno da mãe preta desempenharam e desempenham papel na construção da imagem da mulher, tanto no período da escravidão quanto na sua repercussão atual. Assim, a mãe preta era aquela destinada a “amamentar, cuidar, ninar o filho do senhor” (CARNEIRO, 2002, p.173), a quem o direito a sua própria família e subjetividades foram negadas.

Como os negros escravizados não possuíam uma vida social, ao se tornarem libertos, eles continuaram ocupando esse mesmo lugar à margem, o que dificultou a integração da população negra em vários espaços, levando à formação de uma classe de trabalhadores(as) assalariados(as). Essas trabalhadoras precisavam ser disciplinadas para essa nova forma de organização do trabalho e, como em qualquer organização social, a população negra necessitava de educação para se adequar ao modelo de sociedade vigente, aos seus valores, códigos, normas e instituições sociais.

O processo de transformação da sociedade brasileira com o trabalho escravizado para uma sociedade marcada pelo trabalho assalariado foi, portanto, um processo de exclusão da população negra ex-escravizada, que vivenciou tais mudanças a partir da escassez, do racismo, da falta de acesso à moradia, à educação, à saúde e, muitas vezes, do próprio trabalho assalariado ocupando-se dos trabalhos marginais – os chamados bicos ou trabalhos informais –, no caso das mulheres negras, elas ocuparam postos de feirante, quitandeiras, babás, diaristas, manicures e empregadas domésticas (FERNANDES, 1978).

Levando em consideração esse contexto histórico-social no qual a população negra foi privada dos seus direitos - moradia, saúde, alimentação e educação aos bens culturais – a situação da mulher negra é ainda mais desvantajosa que a do homem negro, pois sobre ela recaem os condicionamentos sociais. Portanto, as opressões sofridas pelas mulheres negras são resultantes da intersecção de opressões de raça e gênero, colocando-se, em sua maioria, à margem do poder e dos espaços sociais. Nesse sentido, a personagem apresentada por Sobral (2016) vai contra a representação tradicional da mulher negra. Malena é uma cantora negra conhecida, em ascensão social que vive em um luxuoso edifício e que tem total consciência da sua negritude. Educada desde criança valorizando a cultura negra, ela não se intimida diante da situação racista vivida:

Muito obrigada pelos elogios. Não é todo dia que recebemos notícias de pessoas que oferecem empregos em elevadores, não é? Realmente os tempos são outros. Mas veja a coincidência! Sabe eu também estou procurando alguém que possa me atender profissionalmente, assessorar quero dizer. Será que a senhora não teria alguma indicação? Uma filha, uma sobrinha ou afilhada? Se for bem qualificada, eu pago um salário justo, faço questão de estabelecer relações de trabalho coerentes com os novos tempos. (SOBRAL, 2016, p. 29).

A reação conscientizada da personagem à postura racista da senhora branca coloca em evidência um dos traços marcantes da escrita de Sobral (2016) que é a “positivação da etnicidade”, promovendo a visibilidade do corpo negro em diferentes espaços sociais e a problematização do racismo (SANTOS, 2018). Além de denunciar o racismo, a discriminação e a desigualdade social vividos por mulheres negras como Malena. Assim a personagem nos permite sonhar com a escolha de um novo caminho: que é o do enfrentamento.

3. CONCLUSÃO

A partir das análises dos textos, é possível observarmos como a representação de personagens femininas negras nos contos selecionados da obra *O Tapete Voador*, (re) posicionam o lugar e a imagem da mulher negra na literatura afro-feminina. Ao refletirmos sobre o corpo-mulher-negra nesses contos, observamos que há todo um processo histórico-cultural em torno da construção do corpo, com diferenciações entre o que é considerado normal e anormal, beleza e feiura. Mulheres negras tiveram a construção discursiva sobre os seus corpos embasadas por teorias científicas que ofereciam uma interpretação negativa aos seus atributos (SILVA, 2015). Na busca por uma beleza que as contemplassem, as associações negras tiveram de investir tanto nas modificações de comportamentos quanto na reafirmação da ancestralidade africana, como estratégias de valorização e ressignificação das qualidades físicas e morais da mulher negra (SANTOS, 2018).

47

Como não eram contempladas pelos modelos de beleza hegemônicos, a comunidade negra, então, reconstrói os discursos sobre a sua estética. Assim, nos contos *O Tapete Voador* e *Elevador a serviço* encontramos a integração da estética de mulheres negras na categoria do belo: as diferentes maneiras como as mulheres negras podem fazer uso dos seus cabelos (drads, tranças, *black power*, ornamentação com turbantes), e de seus corpos, o que permite que a corporeidade dessas mulheres seja (re)desenhada, (re)constituída, (re)apropriada e (re)construída.

No conto *Elevador a serviço*, temos a objetivação do corpo da mulher negra, da empregada doméstica e da mãe de leite, que pode ser repassada às gerações da família branca empregadora, como uma coisa. A personagem principal, Malena, cantora negra, ressignifica, pois, o lugar da mulher negra: uma mulher politizada, empoderada que exalta a cultura negra com sua música. Através dela, nos é apresentada uma mulher negra em ascensão, que ocupa os diversos espaços da sociedade.

A personagem Bárbara, de *Tapete Voador*, exala negritude, motivo de conflito com o chefe negro embranquecido. Nesse conto, temos a representação da mulher negra diferente das comumente encontradas, que estão ocupando cargos subalternos ou realizando serviços braçais. Para além da carreira de sucesso da assessora negra, a

Indexadores:

valorização da negritude e a autoafirmação racial são aspectos que (re)inscrevem o lugar e o papel da mulher negra na literatura brasileira.

Diante da análise dos contos é possível afirmarmos que a literatura afro-feminina *O Tapete Voador*, de Cristiane Sobral, representa um instrumento em potencial para a desconstrução do racismo, ao mesmo tempo em que possibilita a ascensão e o fortalecimento de uma cultura antirracista na sociedade brasileira, por meio da (re) construção da imagem da mulher negra.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvia de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- BONFIM, Vania M. A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009, p.219 – 149.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação do negro no Brasil. In: **Racismos Contemporâneos**. São Paulo: Editora Takano Ashoka Empreendimentos Sociais, 2003, p. 49-58.
- CARONE, Iracy; Bento, Maria Aparecida da Silva (orgs.). Branqueamento e branquitude no Brasil. In: **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.
- DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DIWAN, Pietra S. Do feio ao belo: os caminhos da desumanização. **Revista do Programa de Pós-graduados de História**. São Paulo, n. 25, p. 291-312, jul/dez, 2002.
- FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.
- FRANÇA. Jean M. Carvalho. O negro no romance urbano oitocentista. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 30, p. 97-112, 1996.
- FLORES, Maria B. R. **Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza**. Chapecó: Argos, 2007.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- _____. **Vivendo de Amor**, 1995 (PDF). Disponível em:
- MAGALHÃES, Isabel A. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diótima. In: MINGOCHO, Maria Teresa Delgado (org.). **Actas do Colóquio “Escrita de Mulheres”**. Coimbra: Minerva, 2005. p. 9-23.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão**. Salvador: EDUFBA, 2013.
- SANT’ANNA, Denise B. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: UFRB, 2012.
- SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SILVA, Joyce Gonçalves da. **Nós também somos belas**: a construção social do corpo e da beleza em mulheres negras. 2015. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-raciais (PPRER)) - Centro Federal de Educação, Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2015.

SOBRAL, Cristiane. **Teatros negros e suas estéticas na cena teatral brasileira**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Teatro) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

_____. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.

Indexadores:

